

Uma situação nova para o PT

por Célia Rosemblum
de São Paulo

O Partido dos Trabalhadores (PT) está operando nos últimos dias com uma situação inédita: a necessidade de formar alianças. A perspectiva de que seu candidato, Luiz Inácio Lula da Silva, esteja no segundo turno das eleições para a Presidência da República impulsiona a busca de apoios. Mas a ampliação do espectro eleitoral esbarra em preocupações com a manutenção da identidade do partido.

Já unido ao PSB e ao PC do B na Frente Brasil Popular, o PT procura agora garantir a adesão de setores "democrático-populares", o que, segundo seu dirigentes, aponta para contatos com o PCB, PDT, PSDB e setores do PMDB. "É uma situação nova,

muito diferente da organização da frente, onde os setores eram muito ponderáveis", diz Wladimir Pomar, coordenador da campanha.

Ainda sem a definição oficial dos resultados das urnas, os petistas já iniciaram as articulações. O deputado federal Plínio de Arruda Sampaio trabalha em Brasília a obtenção de apoios que consolidem o perfil social-democrata para a campanha, conversando com o PSDB, PCB e setores do PMDB. Já seu companheiro de bancada, José Genoíno, manifesta preocupação em não "diminuir a intensidade" que ganhou o discurso de Lula numa etapa mais "radicalizada" da campanha. "A ampliação do PT tem limite", diz.

Habituação a costurar divergências, que neste caso

classifica de "semânticas", Pomar explica que as duas idéias não são contraditórias e podem ser colocadas em prática simultaneamente. "Genoíno quis dizer que vamos aprofundar as propostas do primeiro turno e mostrar com nitidez a polarização entre a imensa maioria de pobres e as elites dominantes", explica.

"A idéia do Plínio é que nesse discurso temos de ter o cuidado de esclarecer aos setores médios da sociedade brasileira que eles não serão prejudicados por nossa proposta, não vão pagar pela crise econômica e social", complementa.

O presidente do PT em São Paulo, Paulo Okamoto, também tesoureiro da campanha de Lula, acha que apenas alguns setores dos partidos considerados

de esquerda têm o perfil adequado para eventuais alianças. "Queremos a ampliação da frente, mas não podemos transformar essa coligação num ajuntamento de gatos, cachorros e lagartixas", brinca. "A frente precisa ter uma cara muito definida e seguir as diretrizes, a linha básica da candidatura", explica.

Além da novidade que a negociação representa para o partido, as articulações serão feitas numa conjuntura de diferente correlação de forças. "Vamos ter de discutir o programa com o PSDB numa posição de força bem diferente. Eles tiveram uma expressividade eleitoral muito grande", avalia Pomar, calculando que o eventual apoio dos tucanos pode render entre 4 milhões e 5 milhões de votos no segundo turno.